

"As pessoas que cometem atos terroristas em nome do islã não são verdadeiros muçulmanos."

Shirin Ebadi, iraniana, ganhadora do Prêmio Nobel da Paz deste ano, ontem, em Paris, explicando não encontrar nenhuma justificativa para o que fazem os terroristas, quaisquer que sejam suas idéias ou religião.

# Zoom na crise: o trabalho nos morros cariocas



MARCELO  
CÔRTE  
NERI

Os dois temas mais presentes em pesquisas de opinião feitas nos últimos anos sobre os principais problemas brasileiros são, invariavelmente, desemprego e violência. A violência do Rio tem habitado as páginas policiais nacionais, em especial a das grandes favelas como Complexo do Alemão, Maré, e Rocinha. Em que medida a atual onda de violência nos morros cariocas é acompanhada por um mau desempenho trabalhista? Ou será o problema trabalhista mais geral afetando de maneira uniforme uma área maior?

A nova safra de estudos recentemente colhida comprovou que a crise social, não em termos de nível dos indicadores mas da sua taxa de mudança ao longo do tempo, se instalou mais nas metrópoles brasileiras. Como exemplo, a taxa de miséria no município de São Paulo aumentou cerca de 50% no período entre 1991 e 2000 e caiu 18,6% no município do Rio de Janeiro. Conforme discutido neste espaço em diversas ocasiões, o epicentro da crise social brasileira foi nas grandes metrópoles principalmente quando restringimos a análise ao conceito de

## Mapa trabalhista do Rio de Janeiro

Favelas versus bairros de luxo

	Renda em Reais mensais	Jornada em horas semanais	Salário-hora	Educação dos ocupados	Salário por ano de escola	% da renda do trabalho	Taxa de desemprego em %	Taxa de participação em %	Idade	Taxa de formalidade em %
Grandes favelas cariocas	402	46	1,98	6,2	65,48	81	19,1	70,1	27,3	8,9
Bairros de renda alta cariocas	2175	41	12,05	11,9	182,91	63	9,9	71,2	38,3	20,8
Estado do Rio de Janeiro	740	43	3,86	8,2	89,78	68	17,1	66,7	31,0	12,3

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

renda do trabalho. No período 2000-02 observamos a continuidade desta tendência: a taxa de miséria baseada em renda do trabalho sobe 1,57% no município de São Paulo e cai 1,68% no do Rio.

O Censo 2000 permite analisar a performance trabalhista nas principais favelas cariocas. Note que em função de diferenças metodológicas, estes dados não são comparáveis àqueles de outras bases de dados como a Pnad, a PME e mesmo do Censo 1991, inviabilizando análises temporais. Trabalhamos aqui com as três favelas citadas acima, mais Cidade de Deus e Jacarezinho que constituem 5 das 32 regiões administrativas cariocas. Optamos por realizar um contraste deste grupo de RAs com o de RAs de renda mais alta compostas por Lagoa, Barra da Tijuca, Botafogo, Copacabana e Tijuca.

A renda média do trabalho é cerca de 5,4 vezes maior no grupo das áreas mais ricas. Mas, ao contrário do estereótipo

do malandro do morro Carioca, a jornada de trabalho média lá é cinco horas semanais superior à do asfalto. O resultado destes dois vieses tornam os diferenciais de salário-hora superiores aos observados na renda mensal: 12,5 reais-hora contra 1,98 reais-hora. Diferenças

**Apesar da adversidade trabalhista nas favelas, a renda do trabalho é mais importante ali do que no asfalto**

na taxa de informalidade que libera os mercados do piso de salário e do teto de horas impostos pela legislação trabalhista explica parte dos contrastes. A taxa de cobertura previdenciária entre os ocupados que moram nos bairros de alta renda é de 20,8% contra 12,3% das comunidades de baixa renda. Informalidade

de trabalhista e fundiária parecem caminhar lado a lado.

Já as taxas de participação não são muito diferentes nas áreas observadas. Cerca de 70% das pessoas em idade ativa em ambas áreas estão economicamente ativas, isto é trabalhando ou procurando trabalho. A taxa de desemprego representa relevante diferencial entre morro e asfalto: 9,9% nos bairros de alta renda contra 19,1% nas favelas em questão, resultado qualitativamente consistente ao de uma série de pesquisas de campo nos morros cariocas da Ence/IBGE capitaneadas por André Urani, hoje no Iets. O excesso de oferta de mão de obra gera uma pressão baixista sobre o rendimento do trabalho local. Obviamente, as taxas de participação, informalidade e desemprego tanto quanto as taxas de salários são variáveis endógenas, mesmo no curto prazo.

O fator fundamental talvez seja a desigualdade de escolaridade: média de 11,9

anos completos de estudo de um trabalhador nos bairros de luxo contra 6,2 anos nas comunidades de baixa renda. Como existe retorno crescente de educação, cada ano a mais de escolaridade rende mais aos ocupados dos bairros de alta renda: 182,9 reais por cada ano de estudo de um ocupado nos bairros ricos contra 65,5 reais dos pobres. Seria importante precisar se apenas atributos pessoais como idade, escolaridade etc explicam a totalidade dos diferenciais de renda, ou se existe discriminação contra o favelado, no sentido de que pessoas com atributos tem acesso a oportunidades de trabalho diferentes.

A adversidade observada na renda, jornada e retorno do estudo das pessoas em favelas pode ser sintetizada através do diferencial de salário-hora por ano de estudo de cerca de 314% entre os dois grupos de localidades. Um fato que chama a atenção é que apesar de todas adversidades enfrentadas pelo trabalhador das comunidades de baixa renda, a renda do trabalho desempenha lá um papel mais fundamental: cerca de 81% de todas as fontes de renda nestas áreas advém do trabalho contra 63% das áreas de renda mais alta.

**Marcelo Côrtes Neri**, chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e professor da EPGE/FGV, é autor de "Retratos da Deficiência no Brasil" e escreve quinzenalmente às terças-feiras. E-mail: mcneri@fgv.br